

## **Dossiê - Dossier**

# **Homenagem a Ruth Monserrat**

Tribute to Ruth Monserrat

*organizado por / organized by*  
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral  
Jorge Domingues Lopes  
Lucas Barbosa de Melo  
Lucivaldo Silva da Costa  
Maria Cristina Macedo Alencar  
Quélvia Souza Tavares  
Sanderson C. Soares de Oliveira



**UnB**

# Os Awetí, sua língua, sua história

## The Awetí, language and history

Beatriz C. Correa da Silva<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0003-2912-7630

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.56734

*Recebido em agosto/2024 e aceito em outubro/2024.*

### Resumo

Este artigo se propõe a traçar um panorama geral do conhecimento acumulado sobre o povo Awetí, por meio de levantamento bibliográfico que busca reunir informações linguísticas, etnográficas e históricas dispersas na literatura especializada. A ideia central é que este trabalho possa servir como uma bibliografia dos estudos Awetí.

Palavras-chave: Etnolinguística; Língua Awetí; Tronco Tupí; História Indígena; Etno-história.

### Abstract

This paper intends to provide a general overview of the accumulated knowledge about the Awetí people, by means of a bibliographical survey that seeks to bring together linguistic, ethnographic, and historical information scattered throughout the specialized literature. The central idea of this paper is to be a source of bibliographic references for (the) Awetí.

Keywords: Ethnolinguistics; Awetí Language; Tupí Stock; Indigenous History; Ethnohistory.

*“Quanto aos povos indígenas, o maior conhecimento sobre a própria história e sobre o presente, propiciado pelo conhecimento sistemático de suas línguas, pode contribuir poderosamente para a afirmação e valorização de sua identidade étnica, num Estado plurilíngue e pluricultural como o Brasil.”*

Ruth Monserrat<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> LALLI/UnB. E-mail: beacarretta@hotmail.com

<sup>2</sup> Monserrat, Ruth. 1994. Línguas Indígenas no Brasil contemporâneo. In L.D. Grupioni (org.) *Índios no Brasil*. pp. 93–104. Brasília: Ministério da Educação e Desporto.

## 1. À guisa de introdução

Este artigo se propõe a traçar um panorama geral do conhecimento acumulado sobre o povo Awetí, percorrendo a literatura sobre sua língua e sua história, de forma a configurar uma bibliografia Awetí. Traço este caminho como tributo a Ruth Monserrat — primeira linguista a dedicar-se ao estudo científico da língua Awetí, tronco Tupí — por demonstrar na prática o verdadeiro significado do fazer colaborativo, partilhando e cedendo livre e generosamente seus dados e conhecimentos a todos que se aventuraram pelos caminhos da pesquisa linguística — prática pouco comum nos meios acadêmicos, tão ciosos da posse dos saberes.

Os Awetí constituem, hoje, uma das quatorze etnias integrantes do Parque Indígena do Xingu – PIX, Mato Grosso, idealizado pelos irmãos Villas Boas e criado em 1961. O PIX foi a primeira terra indígena homologada no Brasil e localiza-se na região nordeste do Estado do Mato Grosso, ao sul da Amazônia Legal, numa zona de transição ecológica entre a floresta e a savana do Planalto Central. O Parque abriga os formadores do rio Xingu — Culuene, Tanguro, Curisevo e Ronuro — e seus primeiros afluentes, sendo ele mesmo um dos principais tributários do rio Amazonas. Segundo dados mais recentes do IBGE, a população total do PIX é de 6.177 indivíduos (ISA 2024) falantes de diversas línguas, dos quatro grandes grupamentos linguísticos do país — Karíb, Aruák, Tupí e Jê — além do Trumái, membro único de família linguística isolada. A população atual dos Awetí é de 221 pessoas, segundo dados da Siasi/Sesai de 2020 (ISA 2023: 9).

## 2. Apontamentos para uma bibliografia Awetí

Os Awetí entram para a história canônica pela pluma do etnólogo alemão Karl von den Steinen, o primeiro a travar contato com este grupo indígena, em duas expedições ao Xingu no final do século XIX. Na primeira, em 1884, Steinen recebe a informação de que a aldeia Awetí estaria localizada próxima à confluência dos rios Culuene e Curisevo, o que somente foi possível confirmar na segunda expedição, em 1887.

No livro em que relata ambas as expedições, “Entre os aborígenes do Brasil central”, Steinen (1940: 139) diz ter identificado imediatamente a língua como sendo o Tupí, forma como era referida na época a língua de diferentes grupos falantes de línguas Tupí-Guaraní: “Os Tupí estão disseminados por imensas extensões. (...) No Kurisevo estão representados pelos Auetö e pelos Kamayurá, sendo que o idioma destes últimos coincide mais com a língua geral” (Steinen 1940: 196). Steinen é também o primeiro a compilar um vocabulário — uma lista com 244 itens lexicais, referentes a partes do corpo, itens da natureza, termos de parentesco, itens culturais, nomes de alguns animais e plantas, cores e números (Steinen 1940: 676-679).

Outras expedições se seguiram — Hermann Meyer, em 1895/96 e em 1898/99, e Max Schmidt, em 1900/01 —, tendo Schmidt registrado novo vocabulário de 160 itens, além de importantes dados etnográficos. O de Max Schmidt (1942: 384-389), que integra seu livro “Estudos de etnologia brasileira”, registra partes do corpo, itens da natureza, elementos etnográficos, nomes de animais e plantas, substantivos abstratos, adjetivos e verbos, e foi organizado pelo autor de forma a servir como complemento ao levantamento de von den Steinen, acrescentando a este maior quantidade de verbos.

Foi preciso, no entanto, esperar até quase os anos 1970 para que o estudo da língua Awetí tivesse início. Ruth Monserrat foi a primeira linguista a desenvolver estudo sistemático do Awetí, a partir de 1969, tendo realizado trabalho de campo no Parque Indígena do Xingu em 1969, 1972, 1973 e 1975. Sua pesquisa de campo resultou em uma série de artigos, alguns inéditos e outros publicados, abrangendo diversos temas: “Sobre a Fonologia da Língua Awetí (Tupi)” (Emmerich & Monserrat 1972), em colaboração com Charlotte Emmerich, no qual as autoras apresentam as conclusões preliminares sobre a fonologia do Awetí; “A negação em Awetí” (Monserrat 1975), em que a autora faz uma descrição estrutural das quatro diferentes formas de expressar a negação em Awetí e oferece uma explicação para a negação por meio de uma estrutura oracional profunda de tipo performativo; “Prefixos Pessoais em Awetí” (Monserrat 1976a), que é um estudo morfológico descritivo do sistema de prefixos designativos de pessoa, introduzindo o estudo dos tipos de oração da língua; “Notas sobre a morfofonêmica Awetí” (Monserrat 1976b), manuscrito inédito de 1976 elaborado para apresentação oral; e “Nasalização em Awetí” (Monserrat 1977), artigo também inédito de 1977.

Mesmo antes do início do projeto de formação de professores no Parque Indígena do Xingu, em 1994, inicialmente organizado pela Associação Vida e Ambiente com apoio da *Rainforest Foundation* da Noruega e, posteriormente, em 1996, gerenciado pelo Instituto Socioambiental (ISA) em parceria com a ATIX – Associação Terra Indígena Xingu, Ruth Monserrat já havia preparado uma “Proposta de alfabeto para a língua Awetí” (Monserrat 1992), manuscrito de 1992 que permaneceu inédito, resultante da elaboração de uma tabela em que cada som identificado é relacionado a uma letra ou a um dígrafo. Esta proposta continuou válida e em uso e serviu de ponto de partida para os estudos posteriores desenvolvidos a partir de 1998 por professores indígenas com assessoria do pesquisador Sebastian Drude, que resultou na organização de uma cartilha de alfabetização na língua Awetí, “*Awytyza Ti’ingku. Livro para alfabetização na língua awetí*” (Troncarelli, Drude, Coelho de Souza, Wurker 2002), e no artigo “A ortografia da língua

Awetí” (Drude, Awetí & Awetí 2019), que descreve e fundamenta a ortografia com base na análise da estrutura fonológica e gramatical do Awetí.

Desde o período de exploração dos rios formadores do Xingu, a partir das expedições da Comissão Rondon, os sertanistas, indigenistas do Serviço de Proteção ao Índio e pesquisadores que penetraram na região do Alto Xingu pouco acrescentaram ao conhecimento científico dos Awetí. Mencionados de maneira ligeira e esporádica na literatura antropológica, talvez pelo número diminuto da população — Eduardo Galvão (1979[1959]: 216) os apresenta como em vias de extinção —, são raros os estudos específicos sobre esse grupo indígena. Estão, naturalmente, presentes na coletânea de mitos xinguanos dos irmãos Villas Boas (Villas Boas & Villas Boas, 1970) e no estudo de Jorge Zarur (1975) sobre parentesco e ritual no Alto Xingu, mas é Pedro Agostinho da Silva (1970) que analisa uma variante Awetí do mito de origem xinguanos.

Os anos 1990 trazem novas contribuições ao estudo linguístico e histórico dos Awetí, embora ainda pouco aprofundamento. A antropóloga Marcela Coelho de Souza (1994) faz um estudo preliminar sobre “A língua Awetí (Tupí, Alto Xingu)” como conclusão do curso no Museu Nacional e, a partir da pesquisa etnográfica, publica “Virando gente: notas a uma história Awetí” (Coelho de Souza 2001), em 2001. Em 2006, colabora com Sebastian Drude para o *site* Povos Indígenas do Brasil, desenvolvido pelo ISA, que é um repositório de informações sobre os povos e a temática indígena, redigindo o verbete referente ao povo Awetí (Coelho de Souza & Drude 2006). Também o estudo etno-histórico do Alto Xingu ganha impulso nessa época com o desenvolvimento de pesquisa arqueológica e etnoarqueológica, encabeçada especialmente por Michael Heckenberger, em uma perspectiva interdisciplinar.

Nos primeiros anos deste século, Monserrat retoma o trabalho de análise linguística do Awetí e descreve as “Características lexicais e morfológicas das falas masculina e feminina em Awetí” (Monserrat 2000), manuscrito inédito do ano 2000. Em 2001 publica o “Vocabulário e frases Awetí-Português (com proposta ortográfica)” (Monserrat 2001) e, no ano seguinte, volta a tratar de questões fonológicas em manuscrito inédito “Sobre a fonologia da língua Awetí (Tupí)” (Monserrat 2002) e, em 2007, trabalha na expansão do vocabulário Awetí, com a introdução de novos dados (Monserrat 2007a). Por sua vez, Cristina Borella (2000) analisa “Aspectos morfossintáticos da língua Awetí” em sua dissertação de mestrado, partindo da análise das categorias lexicais da língua.

O pesquisador alemão Sebastian Drude dá início, a partir de 1998, ao que resultaria em mais de um ano de trabalho de campo entre os Awetí. A partir do ano 2000, a Fundação Volkswagen dá início ao Programa

DoBeS de documentação de línguas potencialmente em perigo de extinção, tendo o Awetí sido incluído no projeto no período 2001–2005, devido, especialmente, ao número restrito de falantes. Sebastian Drude foi o linguista principal do projeto, responsável pela coleta e arquivamento dos dados da língua Awetí. Em 2002, Drude publica seu primeiro artigo sobre as diferenças entre a “Fala masculina e feminina em Awetí” (Drude 2002), ao passo que os dados do levantamento realizado ao longo do Projeto DoBeS foram disponibilizados quando Drude, Reiter & Lieb (2006) registraram na página internet do Programa DoBeS parte da documentação Awetí, em especial dados relativos a questões culturais, históricas e etnográficas. Seguindo essa orientação documentalista, Drude produz dois audiovisuais documentais: “O Kuarup dos Awetí 1998” (Drude 1999) e “A produção da rede Awetí” (Drude, Alves & Awetí 2008), este em colaboração com Ana Carolina Alves e Waranaku Awetí.

Dados da documentação Awetí também foram incorporados ao Acervo de Línguas Indígenas do Museu Goeldi e rendeu pelo menos um subprojeto de reorganização do acervo Awetí, com incorporação de documentos anteriores e posteriores ao DoBeS, cujos resultados foram apresentados no Seminário de Iniciação Científica do MPEG, em 2020, e cujo resumo foi publicado como “Descrição gramatical do Awetí e o acervo audiovisual do Museu Goeldi: atualização e reorganização do acervo Awetí” (Silva & Drude 2020).

Posteriormente, Drude volta-se à descrição e análise da língua, publicando os resultados do estudo da língua em “*Tense, Aspect and Mood in Awetí Verb Paradigms: Analytic and Synthetic Forms*” (Drude 2008a), estudo do paradigma de modo-tempo-aspecto do verbo Awetí, bem como uma análise fonológica aprofundada sobre a harmonia nasal da língua em dois estudos distintos e complementares: “*Nasal harmony in Awetí and the ‘Mawetí-Guaraní’ Family (Tupí)*” (Drude 2008b) e “*Nasal harmony in Awetí: a declarative account*” (Drude 2009). Nos anos seguintes, Drude publica ainda “*Stress in Awetí and its acoustic correlates*” (Drude 2011a), “*Nominalization as a possible source for subordination in Awetí*” (Drude 2011b), “*Derivational verbs and other multiple-verb constructions in Awetí and Tupí-Guaraní*” (Drude 2011c), “*Reduplication as a tool for morphological and phonological analysis in Awetí*” (Drude 2014), “*Awetí (Brazil) – Language Contexts*” (Drude 2020a) e “*A fonologia do Awetí*” (Drude 2021a). O autor produz também materiais que permanecem inéditos — “*A Manufatura da Rede Awetí*” (Drude 2020b), “*Alterações morfofonológicas em Awetí: em defesa de fonemas abstratos*” (Drude 2021b), “*Composites vs. word groups: In search of criteria to differentiate them, using the example of Awetí*” (Drude 2021c), “*My hammock = I have a hammock: a case of conversion in Awetí*” (Drude 2023).



Mais recentemente, a participação da linguista Sabine Reiter como pesquisadora do Programa DoBeS de documentação do Awetí, de 2001 a 2006, rende sua tese de doutorado *“Ideophones in Awetí”* (Reiter 2012a), na Universidade de Kiel, além de uma série de manuscritos e publicações: *“Linguistic vitality in the Awetí indigenous community: A case study from the Upper Xingu multilingual area”* (Reiter 2010), *“Interaction between ideophones and gesture in Awetí (Tupian)”* (Reiter 2011), *“The interaction of ideophones, gestures and lexical verbs in the representation of motion events in Awetí discourse”* (Reiter 2012b), *“The multi-modal representation of motion events in Awetí discourse”* (Reiter 2013), *“Action nominals in Awetí: evidence for a possible development towards alternative, ergatively-marked predicates”* (Reiter 2014), *“Ideophones and related phenomena in Tupian languages”* (Reiter 2015) e *“Evidence for the development of action nominals in Awetí towards ergatively-marked predicates”* (Reiter 2018).

Do ponto de vista da linguística histórica, o posicionamento do Awetí no âmbito do tronco Tupí foi-se tornando mais claro com o início da pesquisa linguística propriamente dita, no final da década de 1960, e com o maior conhecimento das demais línguas constituintes das diversas famílias linguísticas que o compõem. Os primeiros estudos classificatórios das línguas Tupí incluíam o Awetí na família Tupí-Guaraní (Rodrigues 1955, 1958a, 1958b, 1964).

A inegável maior afinidade entre as famílias Mawé, Awetí e Tupí-Guaraní, demonstrada pela alta taxa de cognatos (50% para o Mawé e mais de 60% para o Awetí), leva Rodrigues (1984/1985: 35), em seu artigo “Relações internas na família Tupí-Guaraní”, a postular a hipótese de pelo menos uma protolíngua intermediária entre o Proto-Tupí (PT) e o Proto-Tupí-Guaraní (PTG). Wolf Dietrich (1990: 115), no artigo *“More evidence for the internal classification of Tupí-Guaraní languages”*, ao avaliar evidências fonológicas e morfológicas para a classificação interna da família Tupí-Guaraní, também conclui que tanto o Awetí como o Sateré-Mawé parecem não pertencer à família Tupí-Guaraní, mas ao tronco Tupí. Posteriormente, Rodrigues & Dietrich (1997), em *“Linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní”*, com base em estudo histórico-comparativo, reiteraram a hipótese de separação mais tardia das famílias Mawé e Awetí em relação às demais famílias do tronco Tupí, constituindo dois estágios intermediários sucessivos entre o Proto-Tupí e o PTG: Proto-Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní (PMATG) e Proto-Awetí-Tupí-Guaraní (PATG), respectivamente.

O grande aumento da quantidade de dados compilados nos estudos específicos de cada uma das línguas do tronco Tupí permitiu a intensificação dos estudos histórico-comparativos a partir da virada do século e do milênio. Rodrigues (2000a) em “Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos

meridionais da família Tupí-Guaraní”, retoma antiga discussão entre arqueólogos, etnólogos e linguistas sobre o centro de dispersão Tupí, abordando as possíveis rotas utilizadas no desmembramento do Mawé e do Awetí do PTG, assim como as dispersões de três subgrupos da família Tupí-Guaraní. Cabral & Rodrigues (2005) em “O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní”, levantam as primeiras evidências gramaticais de um estágio comum PATG, a saber, o desenvolvimento dos modos gerúndio e subjuntivo ocorrido antes da separação do Awetí em relação ao Tupí-Guaraní. Outra evidência morfossintática que aproxima mais o Awetí do PTG foi posta em relevo no artigo “Evidências Linguísticas para a Reconstrução de um Nominalizador de Objeto \*-mi em Proto-Tupí”, de Rodrigues, Cabral & Corrêa da Silva (2006), em que os autores demonstraram que em PTG e em Awetí, mas não em Mawé, houve fusão dos reflexos de dois morfemas do PT.

Resultados posteriores de estudo baseado em estatística lexical, desenvolvido no âmbito do Projeto Tupí Comparativo, no Museu Paraense Emílio Goeldi, dão ampla sustentação a essa hipótese, tendo o subagrupamento linguístico PMATG recebido o apelido de Mawetí-Guaraní (Drude 2006: 14). No artigo “*On the position of the Awetí language in the Tupí Family*”, Drude (2006: 33) mantém-se cauteloso em postular a existência do estágio PATG, apesar de considerar bastante provável, por não ter ainda identificado, naquele momento, evidências conclusivas de mudanças fonológicas compartilhadas exclusivamente pelas famílias Awetí e Tupí-Guaraní. Note-se que já não há mais dúvida quanto à classificação do Awetí como família independente, as questões que se colocam se referem às ramificações do PMATG. Mais tarde, no estudo sobre a harmonia nasal, “*Nasal harmony in Awetí and the Mawetí-Guarani family (Tupí)*”, Drude (2008b: 240) conclui que a ramificação interna do PMATG se daria, de fato, com o desmembramento do Mawé e, mais tarde, com a separação entre o Awetí e o PTG.

Também Monserrat (2007b) contribui para a classificação das línguas Tupí com o manuscrito “Explorando o grau de parentesco genético entre o Awetí e o Tupí-Guaraní: evidências morfossintáticas”, do qual apenas o resumo foi publicado em 2007. Nesse trabalho, a autora evidencia a ocorrência de semelhanças tipológicas nas expressões de negação, as quais, somadas às semelhanças morfossintáticas das expressões de gerúndio e subjuntivo nas duas famílias, constituem importantes evidências morfossintáticas para fundamentar a hipótese de um estágio intermediário PATG. Corrêa da Silva (2007), no artigo “Mais Fundamentos para a Hipótese de Rodrigues (1984/1985) de um Proto-Awetí-Tupí-Guaraní”, avança estudo comparativo sistemático, apresentando correspondências



regulares fonológicas, morfológicas e lexicais entre o PT, o PTG, o Mawé e o Awetí, e em manuscrito inédito de 2009, “Da sincronia à diacronia: alguns processos morfofonêmicos em Mawé, Awetí e Tupí-Guaraní” (Correa da Silva 2009), apresenta abordagem comparativa entre a morfofonologia do Mawé, do Awetí e do PTG, como forma de avançar considerações sobre os processos morfofonêmicos mais abrangentes descritos para essas línguas. Em sua tese de doutorado, “Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: relações linguísticas e implicações históricas” (Correa da Silva 2010), defendida em 2011, a autora evidencia dois estágios intermediários de desenvolvimento a partir do PT e determina uma cronologia relativa de desmembramento do sub-ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní a partir da separação do Mawé.

Sebastian Drude (2011d), em “*Awetí in relation with Kamayurá: the two Tupian languages of the Upper Xingu*”, dando continuidade a seu trabalho no Alto Xingu, apresenta estudo histórico-comparativo das duas línguas Tupí da região — Awetí e Kamayurá — e avança não apenas dados linguísticos, mas também históricos. É interessante notar que, apesar de muitos falantes de Awetí e Kamayurá serem bilíngues e de as duas línguas conviverem lado a lado na complexa organização social xingwana, o autor não identificou casos de empréstimos ou convergência linguística, o que o faz sugerir, apoiado ainda em dados arqueológicos e na história oral, que seus falantes mantêm contato a não mais de 200 ou 250 anos (Drude 2011d: 181). Exemplo de falante bilíngue Awetí-Kamayurá é Wary Kamayurá, que em sua dissertação de mestrado, “Awetí e Tupí-Guaraní, relações genéticas e contato linguístico”, apresenta comparação lexical e fonológica, com base no método histórico-comparativo, entre o Awetí e o Kamayurá (Kamayurá 2012).

Galúcio *et al* (2015) exploram as relações genéticas dentro do tronco Tupí por meio de métodos comparativos computacionais — análises lexicoestatística e filogenética — em “*Genealogical relations and lexical distances within the Tupian linguistic family*”, com o intuito de produzir uma classificação do tronco Tupí com base em distância lexical e reiteram os dois estágios intermediários PMATG e PATG. Ao passo que Meira & Drude (2015) em “*A summary reconstruction of proto-Mawetí-Guaraní segmental phonology*”, avançam uma reconstrução da fonologia segmental do PMATG com base em comparações internas a este subgrupo e no método histórico-comparativo. Meira & Drude (2013), em “Sobre a origem histórica dos “prefixos relacionais” das línguas Tupí-Guaraní”, reproduzem e expandem a discussão e as conclusões de Meira & Drude (2015), embora este último tenha sido publicado depois, para abordar a origem histórica dos prefixos relacionais descritos para as línguas Tupí-Guaraní e propõem a hipótese de que os tradicionalmente chamados prefixos relacionais sejam o resultado de alterações sofridas pela consoante inicial da raiz do termo dependente,

condicionadas pelo ambiente fonológico e pela estrutura morfossintática em que os termos dependente e independente se encontravam inicialmente, colocando em dúvida a análise sincrônica destes elementos como prefixos.

Em tese de doutorado de 2017, “Um estudo contrastivo de línguas Tupí: Araweté, Kamaiurá, Awetí e Sateré-Mawé”, Fernanda Spoladore (2017), ao contrário dos demais autores, se propõe realizar estudo comparativo estritamente sincrônico das construções nominais e verbais e dos enunciados independentes de quatro línguas do tronco Tupí: Araweté, Kamayurá (ambas da família Tupí-Guaraní), Awetí e Sateré-Mawé, a fim de apontar suas semelhanças e diferenças.

Por outro lado, as relações genéticas com maior profundidade temporal, em nível de *phylum* ou *macrophylum*, também têm sido consideradas, como a proposta Tupí/Karíb. As evidências lexicais de um possível relacionamento genético entre o tronco Tupí e a família Karíb foram apontadas primeiramente por De Goeje (1909: 1-2), em seus “*Études Linguistiques Caraïbes*”, e o estudo sistemático de correspondências fonológicas e morfológicas, servindo-se do método histórico-comparativo, foi empreendido por Rodrigues (1985), “*Evidence for Tupi-Cariban relationships*”, e Rodrigues (2003), “Evidências de relações Tupí-Karíb”, sugerindo um relacionamento genético entre esses dois grandes grupos linguísticos. Estudos posteriores baseados exclusivamente em critérios gramaticais — Gildea (1994), “*The Proto-Cariban and Tupi-Guarani Object Nominalizing Prefix*”, analisou o prefixo nominalizador de objeto e Derbyshire (1994), “*Clause subordination and nominalization in Tupi-Guaranian and Cariban languages*”, avaliou processos de nominalização e subordinação — corroboraram a hipótese de relacionamento genético Tupí/Karíb. Cabral, Rodrigues & Corrêa da Silva (2006), “Tupí-Guaraní e Karíb: resultados de contatos linguísticos pré-históricos e históricos ao norte do rio Amazonas”, abordam a questão dos empréstimos linguísticos resultantes de contato. Note-se que, para além da relação genética entre os dois troncos, Rodrigues (1985, 2000a, 2003), e também em “Novas Considerações sobre Relações Linguísticas Tupí-Karíb” (Rodrigues 2007), identifica um segundo tipo de relacionamento de origem não-genética, especificamente entre línguas Karíb norte-amazônicas e línguas das famílias Awetí e Tupí-Guaraní, caracterizado por empréstimos lexicais indicativos de contato interétnico. Meira (2007: 26), em “Relações Tupí-Karíb: estado atual da questão”, sugere que instâncias de contato entre grupos Karíb norte-amazônico e grupos Awetí-Tupí-Guaraní mais provavelmente tenham ocorrido ao longo da costa das Guianas e da Venezuela — dados arqueológicos parecem favoráveis à ideia da região como local privilegiado de contatos importantes. Rodrigues (2000a: 1598) sugere que a área compreendida entre os rios

Madeira, Guaporé e Aripuanã seria a região a partir da qual teria começado o deslocamento para leste dos falantes de PATG, pois o Awetí partilha com as línguas Tupí-Guaraní empréstimos Karíb (Rodrigues 2000a: 1600).

### 3. Notas para uma história Awetí

Antes mesmo das expedições de Karl von den Steinen nas últimas décadas dos oitocentos, os bandeirantes já haviam alcançado o Brasil Central entre 1720 e 1770, tendo começado o processo de desestabilização do “sistema regional” pelos violentos ataques em busca de escravos e pela proliferação de doenças (Heckenberger 2001: 43). Segundo Franchetto (2001: 153, nota 8), as primeiras expedições de bandeirantes para o rio Araguaia ocorreram entre 1680 e 1690 e, entre 1740 e 1760, caçadores de índios entraram no Xingu em busca de escravos, alcançando as cabeceiras do rio Buriti por volta de 1770.

Ao que tudo indica, os antepassados dos Awetí movimentaram-se em direção ao atual Parque do Xingu em algum momento entre 1600 e 1750 (Heckenberger 2001: 39), quando começaram a intensificar-se os contatos com os europeus na região central do Brasil. É lícito imaginar que os antepassados deste e de outros grupos Tupí, que buscaram refúgio na Bacia do Xingu, estavam reagindo às expedições em busca de ouro e de escravos ao sul da Amazônia, bem como à conquista e à colonização da Bacia do Amazonas.

Resultados de pesquisa arqueológica e etnoarqueológica indicam que, por volta do ano 1400, o padrão de ocupação inicial do curso superior do rio Xingu e seus afluentes foi profundamente alterado com a construção de grandes aldeias fortificadas pelos antepassados dos grupos Aruák e Karíb que passaram a dominar a região (Heckenberger 2001: 38), indicando período de grande perturbação e conflitos. Esse padrão, contudo, seria logo afetado pelo contato com o europeu, entre 1500 e 1600, resultando no despovoamento e na disrupção dos sistemas sociopolíticos macrorregionais que se formavam. A chamada “fase Xinguana” (c. 1750–1884) representa o período de consolidação cultural, em que se dá a fusão das diversas culturas, logo após o período de contato com as bandeiras. O contato com a sociedade nacional somente viria a ocorrer novamente a partir de 1884, com as expedições etnográficas (Heckenberger 2001: 43).

De acordo com a cronologia proposta por Heckenberger (2001: 39-40), as primeiras incursões de grupos Tupí para a região do Alto Xingu teriam iniciado ainda no século XVII, possivelmente com o avanço dos antepassados dos Kamayurá, que teriam vindo do norte (Menezes Bastos 1989 *apud* Franchetto 2001: 121). De acordo com a pesquisa etno-histórica de Menezes Bastos (1989), os antepassados dos Kamayurá migraram de

duas regiões distintas — dos interflúvios Tapajós-Xingu e Xingu-Araguaia — em decorrência tanto da expansão das fazendas de gado em Goiás quanto dos enfrentamentos com expedições de busca de escravo e com outros grupos indígenas, como os Jurúna. É interessante observar que as monções, desencadeadas a partir de 1648 com a expedição de Raposo Tavares<sup>3</sup>, que tiveram por objetivo desbravar (pelas vias fluviais) e integrar o centro-oeste do país, atingiram diretamente tanto os rios que banham o Pantanal Mato-Grossense como a Bacia Amazônica.

Segundo Menezes Bastos (1989 *apud* Franchetto 2001: 121), na segunda metade do século XVIII, diversas comunidades de língua Tupí teriam sido atingidas pelas frentes expansionistas, incluindo movimentos de outros grupos indígenas para conquista de novos territórios, e levadas a refugiar-se na região dos rios formadores do Xingu, onde teriam sido identificados genericamente pelos Aruák como *kamayula* ‘mortos no jirau’, em referência à antropofagia Tupí. É interessante salientar que o autor identifica a sobrevivência desses grupos originários não apenas na tradição oral Kamayurá, mas também na variação dialetal que registrou entre os Kamayurá, identificando descendentes de Arupatsí, Karayáya, Ka’atyp e Anumaniá. Deve-se salientar, ainda, que a autodesignação Kamayurá é *apöap*, cuja tradução atual é dada como ‘aqueles que ouvem’, mas que na etimologia histórica seria ‘homem, gente’ (Menezes Bastos 1984/1985: 172 nota 6).

Note-se que, segundo a tradição oral Awetí, este grupo descenderia de aliança entre os Anumaniá e os antigos Awetí (Coelho de Souza & Drude, 2006). Figueiredo (2010: 37) acrescenta que os Awetí teriam sido dizimados pelos Tonoly (um grupo desaparecido), tendo sobrevivido apenas um casal formado por um homem Yawalapití e uma mulher Awetí, que se refugiara em aldeia Enumaniah próxima. Os Enumaniah (suponho que se trate dos mesmos Anumaniá já mencionados) seriam seus aliados e falantes de língua semelhante, com os quais chefes Awetí costumavam casar-se. Indo ainda mais longe, o autor informa que os Awetí de hoje seriam descendentes dos Enumaniah, que naquele momento eram ainda “índios bravos”, enquanto os Awetí já eram “gente”, tendo já adotado a “ética pacifista xingwana” (Figueiredo 2010: 37).

<sup>3</sup> A última expedição de Antônio Raposo Tavares, chamada a ‘Bandeira do Limite’, iniciou-se em 1648 e estendeu-se até os limites do Peru. O explorador partiu de São Paulo, descendo o rio Tietê até o Mato Grosso do Sul, onde destruiu as Missões do Itatim; de lá, seguiu pelo rio Paraguai até o Peru, desceu pelo rio Guaporé, passou ao rio Madeira e ao Amazonas, aportou em Belém e, a partir dali, voltou para São Paulo, aonde chegaria em 1651. A rota Guaporé–Madeira–Amazonas estabeleceu-se como uma das rotas das monções que abasteceriam os exploradores e escoariam a produção das minas de ouro no interior do Mato Grosso e de Goiás.

Na história oral Kamayurá, há registro de narrativa de guerra contra uma aliança Anumaniá–Wyrawát. Segundo consta, os Anumaniá/Enumaniah seriam os antepassados dos Awetí e os Wyrawát seriam grupo com língua semelhante ao Kamayurá, mas muito parecido com os Awetí. Por outro lado, a tradição oral Awetí registra que os Anumaniá-Awetí e seus aliados — Wyrawát e Bakairí (grupo Karíb) — conquistaram seu território atual pela guerra, o que sugere que a união dos dois grupos tenha sido anterior ao estabelecimento na região próxima ao lago Tafununu. O mesmo evento também é registrado pela história oral Kuikúro, que assegura que a chegada dos Awetí ocorreu quando seus ancestrais Karíb ainda viviam na região desse lago (Coelho de Souza & Drude 2006).

De acordo com Heckenberger (2001: 52), os grupos Karíb que ocupavam a região do lago deslocaram-se para oeste entre 1740 e 1770, provavelmente em decorrência da hostilidade de outros grupos indígenas. Vale acrescentar que a tradição oral Kuikúro, segundo Franchetto (2001: 153, nota 8), registra a presença Kamayurá na região do lago Tafununu na mesma época em que os Karíb ocupavam a região a leste do rio Culuene, isto é, em meados dos setecentos. A autora registra, ainda, a hipótese de Heckenberger de que os Kamayurá teriam começado a ocupar os formadores do Xingu por volta de 1740.

Pode-se sintetizar esquematicamente as relações entre o mosaico de povos Tupí, identificados pela pesquisa etno-histórica e pela tradição oral, em dois blocos distintos: (i) Arupatsí, Karayáya, Ka'atyp, Apyáp — antepassados dos Kamayurá; e (ii) Anumaniá/Enumaniah, Wyrawát, Awetí — antepassados dos Awetí. Deve-se salientar, contudo, que as alianças entre os grupos parecem ter sido caracterizadas por conflitos, rearranjos e novas alianças, ao menos temporárias, também com grupos Karíb ou Aruák. Segundo consta, os Awetí e os Anumaniá, aliados aos Bakairí (Karíb), depois de várias investidas, teriam, finalmente, invadido a região pelo rio Curisevo, atacando indistintamente todos os grupos (Villas-Boas & Villas-Boas 1970: 25). Os Arupatsí, aliados aos Ikpéng (Karíb), teriam dominado o rio Ronuro e, posteriormente, teriam sido massacrados pelos Apyáp e seus aliados Tupí; seus remanescentes teriam sido acolhidos por seus inimigos Tupí (Franchetto, 2001: 122). Os Awetí, outrora envolvidos em conflitos com os Yawalapití, foram encontrados por von den Steinen ligados a seus remanescentes por alianças matrimoniais. Em suma, a história oral dos diferentes grupos alto-xinguanos sugere que os Awetí teriam dominado por meio da guerra o território que ora ocupam, em período anterior ao ano 1750, tendo sido posteriormente incorporados ao sistema alto-xinguanos de trocas e alianças.

Contudo, se incorporamos dados de linguística histórica à narrativa, tem-se uma visão temporalmente mais profunda e mais complexa. Como se

viu anteriormente, Rodrigues (2000a: 1598) sugere que a área compreendida entre os rios Madeira, Guaporé e Aripuanã seria a região a partir da qual teria começado o deslocamento para leste dos falantes de PATG, pois o Awetí partilha com as línguas Tupí-Guaraní empréstimos lexicais Karíb (Rodrigues 2000a: 1600). Rodrigues (2007) evidencia a ocorrência de contato interétnico entre povos falantes de línguas Karíb norte-amazônicas e grupos Awetí-Tupí-Guaraní, e Meira (2007: 26) sugere que instâncias de contato entre grupos Karíb norte-amazônico e grupos Awetí-Tupí-Guaraní mais provavelmente tenham ocorrido ao longo da costa das Guianas e da Venezuela — dados arqueológicos parecem favoráveis à ideia da região como local privilegiado de contatos importantes. Ao recuar ainda mais no tempo, somente evidências linguísticas sustentam a ocorrência de comunidades falantes de PMATG.

Se o contato com grupos falantes de línguas Karíb coincide, *grosso modo*, com o desenvolvimento das culturas complexas na região amazônica (c. 3.000 A.P.), caracterizadas, entre outros aspectos, pela agricultura intensiva de sementes — como poderia sugerir o empréstimo do termo para ‘milho’ —, é mais provável que esse encontro tenha-se dado após o desmembramento do Mawé do sub-ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní, visto que ambas as famílias Awetí e Tupí-Guaraní compartilham os empréstimos Karíb e que, dentre os vocábulos emprestados, “a maioria excede o comprimento médio das raízes Tupí-Guaraní (que são regularmente mono e dissilábicas) e que não podem ser analisadas como consistindo de mais de um morfema Tupí-Guaraní” (Rodrigues 2003: 397, nota 8). Por outro lado, existem indícios arqueológicos de que a dispersão da família Tupí-Guaraní deve ter ocorrido numa escala de 3.000 a 2.000 anos, chegando ao litoral sul e sudeste há cerca de 1.000 anos (Bertho 2005: 31).

Nesse período remoto é possível que ocupassem a região do Alto Juruena e as relações com grupos Karíb parecem ter sido constantes e amistosas, como sugerem os empréstimos Karíb partilhados pelo Awetí e pelas línguas Tupí-Guaraní: nomes de plantas, animais e alguns objetos culturais (Rodrigues 2000b, 2003). Segundo a escala de empréstimos elaborada por Thomason & Kaufman (1991: 74), o empréstimo de vocabulário é característico de contato casual, com a ocorrência de apenas poucos bilíngues entre os falantes da língua alvo, e resulta no empréstimo de vocabulário não-básico, em especial palavras de conteúdo que apresentam significado lexical, ou seja, palavras de classe aberta.

As evidências linguísticas não permitem determinar quanto tempo as comunidades falantes de PATG teriam ocupado a região do Alto Juruena ou quanto tempo teriam levado para separar-se em dois ramos distintos que vieram a conformar as famílias linguísticas Awetí e Tupí-Guaraní. A pesquisa arqueológica, ao contrário, indica o estabelecimento de uma área



central de “definição cultural Tupi(nambá)” (Dias 1994: 121-126), entre os rios Paranapanema (SP) e Guaratiba (RJ), por volta do ano 600.

É lícito, portanto, imaginar que, muito antes do século XVI, os Awetí já estivessem estabelecidos como comunidade linguística independente, embora pudessem manter ainda contatos esporádicos com falantes de línguas Tupí-Guaraní, com os quais partilham o mesmo equipamento cultural e adaptativo, o mesmo *ethos* guerreiro e a mesma lógica de dominação e incorporação de outros grupos, inimigos ou aliados, como deixa patente a história oral do grupo e de seus vizinhos no Alto Xingu. Vale lembrar que, para dominar e ocupar a região que atualmente habitam no Alto Xingu, os Awetí uniram-se a outros povos Tupí — os Anumaniá/Enumaniah — e possivelmente Tupí-Guaraní — os Wyrapát —, além dos Bakairí, grupo Karíb com o qual mantiveram estreito relacionamento amistoso até a partida deste último da região (Coelho de Souza & Drude 2006).

É possível que os Anumaniá fossem, em termos linguísticos, geneticamente muito próximos dos Awetí, falantes de língua da mesma família, que os acompanharam no deslocamento para leste, até o rio Curisevo, via de acesso à região alto-xinguana. E que, antes de dividirem-se em duas comunidades linguísticas — Awetí e Anumaniá/Enumaniah —, os Awetí mantiveram laços estreitos com os falantes de PTG, dos quais foram, aos poucos, distanciando-se geograficamente e socialmente. A língua falada pelos Anumaniá pode ter sido exterminada juntamente com seus falantes — massacrados em visita aos Trumái — ou simplesmente incorporada às variações dialetais do Awetí, em conjunto com as mulheres e os velhos poupados do massacre (Villas-Boas & Villas-Boas 1970: 32).

Sabe-se que no período que se estende aproximadamente de 1500 a 1600, as relações entre os grupos que habitavam a região Madeira-Tapajós eram intensas, cultivando inimigos, colecionando cabeças, recebendo e cedendo mulheres, incorporando remanescentes ou desgarrados, sendo também constantes as movimentações de grupos (Correa da Silva 2010: 356). Entende-se que o complexo quadro etnográfico dessa região foi fortemente influenciado pela conquista europeia, tendo ocorrido processo de substituição dos grupos indígenas por outros com o desaparecimento dos primeiros em consequência do intenso contato com não-índios, estabelecido desde o século XVI com o avanço dos primeiros espanhóis pelos rios amazônicos.

Os antepassados do subconjunto VII, do qual faz parte o Kamayurá, devem ter continuado em sentido norte, se não descendo o Tapajós — cujo baixo curso era dominado por grupos Tapajó — ocupando o interflúvio entre esse rio e o Xingu. Segundo a tradição oral, foi dessa área que os antepassados dos Kamayurá partiram em direção sul, atravessando o Xingu

e ocupando também o interflúvio entre este rio e o Araguaia, enfrentando e compondo alianças com diversos grupos até chegarem, por volta de 1740, nos formadores do Xingu. Um dos fatores que deve ter contribuído para dispersar os grupos Tupí-Guaraní do Baixo Xingu e intensificar sua movimentação em sentido leste foi a invasão dos Tupinambá no Baixo Amazonas e seus tributários, na segunda metade do século XVI (Cabral et al 2007: 358).

Por outro lado, os dados existentes sugerem que o contexto etnográfico não era menos complexo no período anterior à conquista, sendo toda a região das várzeas dos grandes rios densamente habitada por povos que viviam em grandes aldeias, interligadas por largos caminhos, e cujo sustento baseava-se na agricultura intensiva de tubérculos e de sementes, como o milho, e na caça e pesca abundantes. Tais sociedades tinham complexa estratificação social, eram governadas por poderosos senhores e sacerdotes especializados, encarregados da vida espiritual, senhoreavam suas terras com grandes flotilhas de guerreiros e submetiam vizinhos menos poderosos pela cobrança de tributos na forma de milho e outros produtos (Correa da Silva 2010: 329-330). Como assinala Menéndez (1984/1985: 272), o quadro etnográfico da área Madeira-Tapajós no final do século XIX foi resultado dos “contínuos movimentos tribais que já eram realizados quando as frentes de ocupação começaram a atuar na área”, decorrentes dos contatos interétnicos produzidos pelo intercâmbio, confronto e, provavelmente, expansões e migrações.

O avanço Tupinambá pelo rio Madeira e pela bacia do Amazonas foi mais um evento, entre tantos que se desconhecem, que teria servido para dinamizar essas relações e intensificar os deslocamentos. Tal movimentação atingiu diretamente diversos grupos Tupí-Guaraní que ocupavam as bacias dos rios Xingu e Tocantins, bem como a área de interflúvio, forçando-os a dispersar-se mesmo antes da chegada do não-índio. Em regiões mais distantes, entre os rios Arinos e Teles Pires (ou São Manuel), os Awetí talvez já estivessem movimentando-se em direção aos rios formadores do Xingu, tendo chegado à região entre os rios Culuene e Curisevo, provavelmente, até meados dos setecentos (Heckenberger 2001: 39).

No entanto, o registro histórico da existência de um grupo indígena identificado como Awetí teria de esperar a expedição do etnólogo alemão, em 1884. O encontro direto do grupo com o etnólogo, contudo, só se daria na expedição seguinte, em 1887, quando von den Steinen pôde confirmar a localização da aldeia Awetí, indicada pelo chefe Suyá três anos antes, próxima à confluência dos rios Culuene e Curisevo. Foi no período compreendido entre as bandeiras, em meados do século XVIII, e as expedições etnográficas do final dos oitocentos — mais provavelmente entre 1750 e 1800 — que

se deu o processo de transformação e amalgamação do sistema cultural regional, plural e multilíngue (Heckenberger 2001: 53). No entender do autor, e com base em estudos arqueológicos, etnoarqueológicos e etno-históricos, foi no curso de algumas gerações que os grupos migrantes — entre eles o Awetí — foram aculturados à sociedade xinguana. Aos Awetí, coube abandonar o ethos guerreiro e belicoso para “virar gente” (Coelho de Souza 2001) e poderem ser incorporados ao sistema cultural alto-xinguano.

Segundo relatou Steinen (1940: 192), a aldeia Awetí pode ser considerada como o “ponto central da navegação pelos canais” que estabelecem a ligação entre os diversos grupos que habitam a região, por meio de intrincada rede de canais, lagunas e remansos. O autor especula que o próprio termo *awetí*, forma empregada pelos vizinhos para referirem-se ao grupo<sup>4</sup>, esteja relacionado com a forma adjetiva Guaraní *apité* ‘que está no centro, no meio’ (Steinen 1940: 192), fazendo alusão à situação estratégica da aldeia, que apresentava grande movimentação de pessoas de diversas etnias, espécie de ponto de encontro e local de troca de informações e notícias (Steinen 1940: 141). A localização da aldeia, somada ao tráfego intenso de pessoas e informações, sugere que os Awetí desempenhavam papel relevante no sistema alto-xinguano de trocas de informações e bens, antes do intenso processo de depopulação ocorrido ao longo do século XX. Na década de 1920, a expedição liderada pelo Cap. Vicente Vasconcelos encontrou-os no mesmo local identificado por von den Steinen em aldeia com seis casas elípticas que abrigava uma população de cerca de 80 pessoas. Esta população chegou a 23 indivíduos após uma epidemia de sarampo, em 1954 (ISA 2011: 74), o que contribuiu fortemente para a situação de relativo isolamento que marcou a posição do grupo na política intertribal na segunda metade do século passado (Coelho de Souza & Drude 2006).

No final do século XIX, sempre de acordo com Steinen (1940: 143), havia apenas uma aldeia Awetí e, muito próxima a ela, “duas casas em que moravam homens Awetí e mulheres Yawalapití”, os quais, aparentemente, consideravam-se uma nova aldeia com nova identidade, visto que se autodenominavam Arawití (ou Yawarawití, segundo Figueiredo 2010: 32), nome que “já tinha o inteiro valor de uma designação de tribu”. É significativo que o chefe Suyá, que traçara na areia o mapa da nascente do Xingu com a localização das aldeias para von den Steinen, em 1884, tenha desenhado a ‘aldeia Arawití’ ao lado da aldeia Awetí. Embora não se tenha notícia, atualmente, de grupo com essa denominação, o episódio é sugestivo da atitude dos grupos alto-xinguanos em relação à ruptura, instalação e

---

<sup>4</sup> Os Awetí autodenominam-se *awötô%a*, possivelmente de *aöté* ‘homem’ e *-%a* ‘plural’, tendo o termo *awetí* sido utilizado, primeiramente, para designar um dos grupos Tupí que se fundiram, dando origem aos atuais Awetí (Coelho de Souza & Drude 2006).

acomodação de aldeias e grupos. Conforme informa Figueiredo (2010: 32), o “fissionamento de aldeias maiores” dá origem a diversos grupos locais muitas vezes compostos por contingentes linguísticos distintos.

No presente, existem três aldeias Awetí — *Tazu'jyt tetam* ou aldeia da pequena formiga de fogo, Saidão da Fumaça e Mirassol, ao sul do PIX (ISA 2011: 75) — localizadas à margem direita do rio Tuatuari, na mesma região onde foram primeiramente contatados pelas expedições dos etnólogos alemães, entre falantes de língua Aruák — a oeste e sul — e Karíb — a leste. Evidências arqueológicas e história oral coincidem em localizar as antigas aldeias do grupo em área restrita ao longo do rio Tuatuari, onde George Zarur, que desenvolveu pesquisa etnográfica na área na década de 1970, identificou seis sítios antigos. A aldeia Saidão da Fumaça começou a constituir-se em 2002, alguns quilômetros ao norte da aldeia matriz, a partir do estabelecimento de uma família extensa vinda da matriz e de pessoas vindas de outras aldeias (Coelho de Souza & Drude 2006). Os autores, no entanto, não fazem qualquer referência à antiga “aldeia Arawití”, identificada por von den Steinen, não sendo possível precisar se teria sido incorporada à aldeia matriz ou desaparecido. Figueiredo (2010: 32), por outro lado, informa que Mirassol pode ser considerada uma aldeia Awetí-Kamayurá, assim como Morená, que aparece listada como aldeia Kamayurá no Almanaque Socioambiental (ISA 2011), teria sido identificada como tal por um informante Awetí. É interessante observar que:

a existência de coletivos tipo “Alto Xingu”, “Kamayurá” ou “Aweti” não pode ser creditada completamente a aspectos históricos, ainda que estes devam ser levados em conta, e que tampouco devemos imaginá-los como meros constructos antropológicos ou coisa similar, uma vez que os vemos ser a todo momento mobilizados por sujeitos que com eles se identificam (Figueiredo 2010: 22).

Como bem lembra a autora (Figueiredo 2010: 15), é importante “não essencializar os grupos étnicos que compõem o ‘sistema xinguano’”, pois eles não são homogêneos, como explica Menezes Bastos (1987/1988/1989: 395) em relação aos Kamayurá, “historicamente incorporadores de contingentes os mais diversos”, são resultado de uma amálgama de Arupatí, Karayayá, Apyap, no passado mais remoto, e Yawalapití, Juruna e Awetí, mais recentemente. Essa fluidez das relações e as práticas de contato por meio da guerra e da incorporação de outras etnias por meio de alianças matrimoniais, que caracterizou o povoamento do Maranhão e do Pará, parecem ser os traços fundamentais que moldaram as relações de grupos Tupí-Guaraní com outros grupos em período anterior ao contato com o europeu. Nas palavras de Carvalho Jr. (2005: 128), “a relação destes povos

com a ‘alteridade’ sempre se caracterizou pelo processo de assimilação”.

Em síntese, pode-se dizer que os Awetí pouco a pouco foram recuperando posição mais ativa no âmbito das complexas relações entre os grupos alto-xinguanos, de forma coerente com sua própria história no contexto de formação do sistema regional, mas também anterior a ele, conformando alianças, separando e reunindo grupos, acolhendo remanescentes, configurando alianças ora flutuantes ora estáveis e convivendo de forma mais ou menos pacífica com seus vizinhos Aruák e Karíb. Sua história recente confunde-se com a da formação do sistema alto-xingano e está intimamente relacionada à conquista e à colonização da parte sul da Amazônia, no centro-oeste do país.

A linguística indica que a história da língua Awetí iniciou com o processo de desmembramento do sub-ramo Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní a partir da separação da família Mawé e, posteriormente, da família Awetí e, finalmente, os falantes do PTG deram início ao significativo processo de cisão e diferenciação de línguas, provavelmente a partir do Alto Juruena. A etno-história demonstra que a conquista dos territórios atuais das comunidades Awetí e dos falantes das línguas derivadas do PTG não se deu sem conflito. Ao contrário, as evidências sugerem a conquista de territórios por meio da guerra e da submissão das populações locais, incorporadas, muito provavelmente, pela absorção de mulheres e seus filhos ao grupo. A natureza dinâmica do contato entre os diferentes grupos, em períodos remotos, é sugerida quer pela documentação histórica e etnográfica, quer pela história oral, e constitui-se em evidência do processo de expansão das proto-comunidades que, partindo dos cursos superiores dos rios secundários, foram paulatinamente ocupando as várzeas dos grandes rios, com a derrocada e eventual desaparecimento das populações autóctones. Tal situação foi intensificada pela intrusão Tupinambá na Bacia do Amazonas e, posteriormente, pelo processo de colonização, que afetou indiscriminadamente todos os grupos indígenas.

Pode-se, assim, sugerir que as proto-comunidades falantes de Awetí e de PTG compartilhavam o mesmo equipamento cultural e adaptativo que lhes possibilitou desenvolver aproveitamento eficiente e adequado dos recursos ambientais por incontáveis gerações. Seu *ethos* belicoso permitiu que se expandissem e ocupassem territórios pela guerra, desalojando antigos habitantes, ou incorporando-os às comunidades por meio de alianças mais ou menos estáveis. Tais grupos inimigos podem ter sido comunidades falantes de línguas Tupí ou de línguas das famílias Aruák e Karíb. A interação com o outro não estava pautada pela compreensão da língua, tampouco as lealdades e alianças eram dadas a priori pelo parentesco linguístico ou genético. Percebe-se que, tradicionalmente, grupos Tupí incorporaram, ao

longo de uma história milenar, grandes contingentes de aliados e inimigos, porções de uma alteridade sem a qual não existe possibilidade de futuro.

#### 4. Considerações finais

O ponto de partida deste trabalho foi traçar um panorama geral do conhecimento acumulado sobre o povo Awetí. Por meio de levantamento bibliográfico busquei reunir as informações linguísticas, enográficas, arqueológicas e históricas que se encontram dispersas na literatura especializada, com vistas a constituir uma bibliografia Awetí. Como se acontecer na construção de textos, a escrita encarrega-se de traçar seus próprios caminhos e leva-nos em direções não originalmente planejadas. A narrativa histórica apresentada acima é o resultado não intencional desta caminhada. Quero crer que, por ora, (quase) tudo já foi dito. De um povo à beira da extinção, de uma língua quase inteiramente desconhecida, de uma história ‘fria’, etnográfica, sem passado, os Awetí chegam a praticamente 140 anos de contato com uma alentada biblioteca linguística internacional, meia dúzia de etnografias e vários séculos de história registrados. Dadas as condições gerais da ciência, do estudo acadêmico, da política indigenista e da situação geral dos povos e das línguas indígenas no Brasil, o Awetí é um feliz caso raro.

Contrariamente ao que se poderia esperar, a língua Awetí apresenta razoável vitalidade — apesar do número reduzido de falantes, do domínio ao menos passivo de outros idiomas indígenas e da pressão do português no cotidiano do Parque —, sendo dominante dentro do grupo e aprendida como língua principal pela quase totalidade das crianças. É com assombro que se constata não só a manutenção da língua, mas também da autonomia e da coesão desse grupo indígena que esteve à beira do desaparecimento, em especial no ambiente multilíngue da área cultural alto-xingua.

#### Referências

- Bertho, Ângela Maria de Moraes. 2005. *Os Índios Guaraní da Serra do Tabuleiro e a Conservação da Naturaza. Uma perspectiva etnoambiental*. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Borella, Cristina de Cássia 2000. *Aspectos morfossintáticos da língua Awetí (Tupí)*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP.
- Cabral, Ana Suelly S. & Rodrigues, Aryon D. 2005. O Desenvolvimento do Gerúndio e do Subjuntivo em Tupí-Guaraní. In A. Rodrigues & A.S. Cabral (orgs.), *Novos Estudos sobre Línguas Indígenas*, pp. 47–58. Brasília: Universidade de Brasília.
- Cabral, Ana Suelly A. C.; Rodrigues, Aryon D. & Corrêa da Silva, Beatriz



- C. 2006. Tupí-Guaraní e Karíb: resultados de contatos lingüísticos pré-históricos e históricos ao norte do rio Amazonas. In *IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Crioulos e Similares (ABECS)*, 18-20/out/2006, Goiânia: Universidade Federal de Goiás. [ms]
- Cabral, Ana Suelly A. C.; Corrêa da Silva, B. C.; Magalhães, Marina M. S.; Julião, Risoleta. 2007. Linguistic diffusion in the Tocantins-Mearim area. In A. Rodrigues & A.S. Cabral (orgs.) *Línguas e Culturas Tupí*, 1: 357–374. Campinas: Curt Nimuendajú.
- Carvalho Jr., Almir Diniz. 2005. *Índios Cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653–1769)*. Tese de Doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Coelho de Souza, Marcela. 1994. *A língua Awetí (Tupí, Alto Xingu)*. Trabalho de Conclusão, Curso de Especialização em Línguas Indígenas Brasileiras, Museu Nacional. [ms]
- Coelho de Souza, Marcela. 2001. Virando gente: notas a uma história Awetí. In B. Franchetto & M. Heckenberger (orgs.) *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*. pp. 360–402. Rio de Janeiro: Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Coelho de Souza, Marcela & Drude, Sebastian, 2006. Awetí. In F. Ricardo (coord.) *Povos Indígenas do Brasil*, Instituto Socioambiental — ISA. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/aweti>
- Corrêa da Silva, Beatriz C. 2007. Mais Fundamentos para a Hipótese de Rodrigues (1984/1985) de um Proto-Awetí-Tupí-Guaraní. In A. Rodrigues & A.S. Cabral (orgs.), *Línguas e Culturas Tupí*, 1: 219–240. Campinas: Curt Nimuendajú.
- Corrêa da Silva, Beatriz C. 2009. Da sincronia à diacronia: alguns processos morfofonêmicos em Mawé, Awetí e Tupí-Guaraní. *VI Congresso Internacional da ABRALIN*, Joao Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. [ms]
- Corrêa da Silva, Beatriz C. 2010. *Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações linguísticas, implicações históricas*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília.
- De Goeje, Claudius H. 1909. Études Linguistiques Caraïbes. *Verhandlungen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam*, Afdeeling Letterkunde, nieuwe reeks, deel II, 2: 1–274.
- Derbyshire, Desmond. 1994. Clause subordination and nominalization in Tupí-Guaranian and Cariban languages. In I.P. Pastor (ed.) *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 8: 179–199. Issue title:

- Linguística Tupí-Guaraní/Caribe: Estudios presentados en el 47th Congreso Internacional de Americanistas*, 7–11 de julio de 1991, Nueva Orleans.
- Dias, Adriana Schmidt. 1994. *Repensando a Tradição Umbu através de um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Dietrich, Wolf. 1990. More Evidence for an Internal Classification of Tupí-Guaraní Languages. *Indiana Supplement* 12, Berlin: Gebr. Mann Verlag.
- Drude, Sebastian. 1999. *O Kuarup dos Awetí 1998*. Audiovisual.
- Drude, Sebastian. 2002. Fala masculina e feminina em Awetí. In A.S. Cabral & A.D. Rodrigues (orgs.) *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*, pp. 177–190. Belém: Universidade Federal do Pará.
- Drude, Sebastian. 2006. On the position of the Awetí language in the Tupí family. In W. Dietrich & H. Symeonidis (eds.). *Guaraní y “Mawetí-Tupí-Guaraní”*. *Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América del Sur*. pp. 11–45. Berlin; Münster etc.: LIT Verlag.
- Drude, Sebastian. 2008a. Tense, Aspect and Mood in Awetí Verb Paradigms: Analytic and Synthetic Forms. In D. Harrison; D. Rood & A. Dwyer (orgs.) *Typological studies in language, Lessons from documented endangered languages*, 78: 67–110. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Drude, Sebastian. 2008b. Nasal harmony in Awetí and the Mawetí-Guarani family (Tupí). *Amerindia (special issue Estrutura das línguas Amazônicas)*. 32: 239–276.
- Drude, Sebastian. 2009. Nasal harmony in Awetí: A declarative account. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. Special edition 3.
- Drude, Sebastian. 2011a. Stress in Awetí and its acoustic correlates. *Amerindia (special edition, Estrutura das línguas Amazônicas)*. 35: 7–40.
- Drude, Sebastian. 2011b. Nominalization as a possible source for subordination in Awetí. *Amerindia (special edition, Estrutura das línguas Amazônicas)*. 35: 190–218.
- Drude, Sebastian. 2011c. Derivational verbs and other multiple-verb constructions in Awetí and Tupí-Guaraní. In Alexandra Y. Aikhenvald & Pieter C. Muysken (eds.) *Multi-verb constructions: a view from the Americas*, pp. 213–254. Leiden: Brill.
- Drude, Sebastian. 2011d. Awetí in relation with Kamayurá: the two Tupian languages of the Upper Xingu. In B. Franchetto (org.) *Alto Xingu: uma*

- sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI.
- Drude, Sebastian. 2014. Reduplication as a tool for morphological and phonological analysis in Awetí. In G.G. Gómez & H. Van der Voort (eds.). *Reduplication in Indigenous languages of South America*. (Brill's Studies in the Indigenous Languages of the Americas, v. 7.) p. 185–216. Leiden: Brill.
- Drude, Sebastian. 2020a. Aweti (Brazil) – Language Contexts. *Language Documentation and Description*, 19: 45–65.
- Drude, Sebastian. 2020b. A Manufatura da ‘Manufatura da Rede Awetí’. [ms]
- Drude, Sebastian. 2021a. A fonologia do Awetí. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas – RBLI*. Macapá. 3(2): 183–205.
- Drude, Sebastian. 2021b. Alterações morfofonológicas em Awetí: em defesa de fonemas abstratos. [ms]
- Drude, Sebastian. 2021c. Composites vs. word groups: In search of criteria to differentiate them, using the example of Awetí. [ms]
- Drude, Sebastian. 2023. My hammock = I have a hammock: a case of conversion in Aweti. [ms]
- Drude, Sebastian; Alves, Ana Carolina F. ; Awetí, Waranaku. 2008. *A produção da rede Awetí* (DVD de documentação). Audiovisual.
- Drude, Sebastian; Awetí, Warakanu & Awetí, Awajatu. 2019. A ortografia da língua Awetí. *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*. Campinas, SP, 19: 1–23, e019014.
- Drude, Sebastian; Reiter, Sabine & Lieb, Hans-Heinrich (project director). 2006. *Awetí Documentation. A Documentation of the Awetí Language and Aspects of the Awetí Culture*. Website and Digital Archive, by S. Drude with the assistance of Waranaku Awetí, Awajatu Awetí, Yakumin Awetí, Tawyjat Awetí, Parawajru Awetí, Su Xiaoquin, Eva-Maria Rößler, and others. Berlin / Belém / Nijmegen. Project overview: <http://www.mpi.nl/DOBES/projects/aweti>
- Emmerich, Charlotte & Monserrat, Ruth 1972. Sobre a Fonologia da Língua Awetí (Tupí). *Boletim do Museu Nacional, Antropologia*, 25: 1–18. Rio de Janeiro.
- Figueiredo, Marina Vanzolini. 2010. *A flecha do ciúme: o parentesco e seu avessos segundo os Awetí no Alto Xingu*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Franchetto, Bruna 2001. Línguas e histórias no Alto Xingu. In B. Franchetto & M. Heckenberger (orgs.) *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*, pp. 111–156. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

- Galúcio, Ana Vilacy; Meira, Sérgio; Birchall, Joshua; Moore, Denny; Gabas Júnior, Nilson; Drude, Sebastian; Storto, Luciana; Picanço, Gessiane; Rodrigues, Carmem Reis. 2015. Genealogical relations and lexical distances within the Tupian linguistic family. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 10(2): 229–274. Belém.
- Galvão, Eduardo 1979[1959]. Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900–1959. In E. Galvão (ed.) *Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil*, pp. 193–228. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gildea, Spike. 1994. The Proto-Cariban and Tupi-Guarani Object Nominalizing Prefix. In I.P. Pastor (ed.) *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 8: 163–177. Issue title: *Linguística Tupí-Guaraní/Caribe: Estudios presentados en el 47th Congreso Internacional de Americanistas*, 7–11 de julio de 1991, Nueva Orleans.
- Heckenberger, Michael J. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000–2000 d.C. In B. Franchetto & M. Heckenberger (orgs.) *Os Povos do Alto Xingu. História e Cultura*, pp. 21–62. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Instituto Socioambiental (ISA). 2011. *Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu : 50 anos*. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental.
- Instituto Socioambiental (ISA). 2023. *Povos indígenas no Brasil: 2017/2022*. 2ª edição. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental.
- Instituto Socioambiental (ISA). 2024. *Terras indígenas no Brasil* – <https://terrasindigenas.org.br>. Acesso em: ago/2024.
- Kamayurá, Wary. 2012. *Awetí e Tupí-Guaraní, relações genéticas e contato linguístico*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, UnB, Brasília.
- Meira, Sérgio. 2007. Relações Tupí-Karíb: Estado Atual da Questão. *Caderno de Resumos*, p. 26, V Congresso Internacional da ABRALIN, Belo Horizonte, MG.
- Meira, Sérgio & Drude, Sebastian. 2013. Sobre a origem histórica dos “prefixos relacionais” das línguas Tupí-Guaraní. *Cadernos de Etnolingüística*, 5(1): 1–30.
- Meira, Sérgio & Drude, Sebastian. 2015. A summary reconstruction of proto-Mawetí-Guaraní segmental phonology. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 10(2): 275-296.
- Menéndez, Miguel 1984/1985. Contribuição ao estudo das relações tribais na área Tapajós-Madeira. *Revista de Antropologia*, 27/28: 271–286.
- Menezes Bastos, Rafael José. 1984/1985. O ‘payemeramaraka’ Kamayurá

- uma contribuição à etnografia do xamanismo do alto Xingu. *Revista de Antropologia*, 27/28: 139–178. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Menezes Bastos, Rafael José. 1987/1988/1989. Exegeses Yawalapití e Kamayurá da criação do parque indígena do Xingu e a invenção da saga dos irmãos Villas Boas. *Revista de Antropologia*, 30/31/32: 39–426. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Menezes Bastos, Rafael José. 1989. *A festa da Jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Montserrat, Ruth. 1975. A negação em Awetí. Rio de Janeiro. [ms]
- Montserrat, Ruth. 1976a. Prefixos pessoais em Awetí. *Linguística III*, Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Montserrat, Ruth. 1976b. Notas sobre a morfofonêmica Awetí. Rio de Janeiro. [ms]
- Montserrat, Ruth. 1977. A nasalização em Awetí. 29ª Reunião Anual da SBPC, São Paulo. [ms]
- Montserrat, Ruth. 1992. Proposta de um Alfabeto para a Língua Awetí. Rio de Janeiro. [ms]
- Montserrat, Ruth. 2000. Características lexicais e morfológicas da fala masculina e feminina na língua Awetí. [ms]
- Montserrat, Ruth. 2001. Vocabulário e Frases Awetí-Português (com proposta ortográfica). In R. Monserrat & E. Pereira da Silva (orgs.) *Vocabulário e Frases em Jamandí-Português (com proposta ortográfica) e Vocabulário de Frases em Awetí-Português (com proposta ortográfica)*, vol. 1, pp. 29–45, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.
- Montserrat, Ruth. 2002. Sobre a fonologia da língua Awetí (Tupí). In R. Monserrat (org.), *Coletânea de Trabalhos sobre Línguas Indígenas e Outras Questões de Política Linguística e Educação Indígena*, vol. 1, Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul.
- Montserrat, Ruth. 2007a. Vocabulário Português-Awetí. [ms]
- Montserrat, Ruth. 2007b. Explorando o Grau de Parentesco Genético entre o Awetí e o Proto-Tupí-Guaraní: Evidências Morfosintáticas. *Caderno de Resumos do V Congresso Internacional da ABRALIN*, pp. 439–40. Belo Horizonte, MG.
- Reiter, Sabine. 2010. Linguistic vitality in the Awetí indigenous community: A case study from the Upper Xingu multilingual area. In J.A.F. Farfán & F.F. Ramallo (orgs.) *New Perspectives on Endangered Languages. Bridging gaps between sociolinguistics, documentation, and language revitalization*,

- 1: 119–146. 1ed. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Montserrat, Ruth. 2011. Interaction between ideophones and gesture in Awetí (Tupian). [ms]
- Montserrat, Ruth. 2012a. *Ideophones in Awetí*. Tese de Doutorado, Universidade de Kiel, Alemanha.
- Montserrat, Ruth. 2012b. The interaction of ideophones, gestures and lexical verbs in the representation of motion events in Awetí discourse. [ms]
- Montserrat, Ruth. 2013. The multi-modal representation of motion events in Awetí discourse. *CogniTextes*, 9: 1.
- Montserrat, Ruth. 2014. Action nominals in Awetí: evidence for a possible development towards alternative, ergatively-marked predicates. [ms]
- Montserrat, Ruth. 2015. Ideophones and related phenomena in Tupian languages. [ms]
- Montserrat, Ruth. 2018. Evidence for the development of action nominals in Awetí towards ergatively-marked predicates. In S.E. Overall; R. Vallejos; S. Gildea (org.) *Nonverbal Predication in Amazonian Languages*, 122: 339–363. 1ed. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1955. As línguas “impuras” da família Tupí-Guaraní. In H. Baldus (org.) *Atas do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. pp. 1055–1071. São Paulo.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1958a. Classification of Tupí-Guaraní. *International Journal of American Linguistics*, 24(3): 231–234.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1958b. Die Klassifikation des Tupí-Sprachstammes. In Jens Yde (ed.) *Proceedings of the 32nd International Congress of Americanists*. pp. 679–684.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1964. A Classificação do Tronco Lingüístico Tupí. *Revista de Antropologia*, 12: 99-104. São Paulo.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1984/1985. Relações Internas na Família Lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia*, 27/28: 33–53.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1985. Evidence for Tupí-Cariban Relationships. In: KLEIN, H. & STARK, L. (eds.), *South American Indian languages: Retrospect and Prospect*, pp. 371-404, Austin: University of Texas Press.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 2000a. Hipótese Sobre as Migrações dos Três Subconjuntos Meridionais da Família Tupí-Guaraní. *Anais do II Congresso da Associação Nacional de Linguística e XIV Instituto Lingüístico*, pp. 1596–1605, Florianópolis: ABRALIN. CD-Rom.



- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2000b. "Ge-Pano-Carib" x "Jê-Tupí-Karíb": sobre relaciones lingüísticas prehistóricas en Sudamérica. *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica* (Luis Miranda, ed.), tomo I. Lima: Universidad Ricardo Palma.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2003. Evidências de relações Tupí-Karíb. In E. Albano *et al* (orgs.) *Saudades da Língua*. 1: 393–410, Campinas: Mercado de Letras.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 2007. Novas Considerações sobre Relações Lingüísticas Tupí-Karíb. *Caderno de Resumos*, p. 25, V Congresso Internacional da ABRALIN, Belo Horizonte, MG.
- Rodrigues, Aryon D.; Cabral, Ana Suelly A. C.; Corrêa da Silva, Beatriz C. 2006. Evidências Lingüísticas para a Reconstrução de um Nominalizador de Objeto \*-mi em Proto-Tupí. *Estudos da Língua(gem)*, 4(2): 21–39. Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna & Dietrich, Wolf. 1997. On The Linguistic Relationship Between Mawé and Tupí-Guaraní. *Diachronica*, XIV (2): 265–304.
- Schmidt, Max 1942. *Estudos de Etnologia Brasileira. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*. Brasileira Grande Formato 5 (2) pp. 393. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Silva, Beatriz Cunha da & Drude, Sebastian. 2020. Descrição gramatical do Awetí e o acervo audiovisual do Museu Goeldi: atualização e reorganização do acervo Awetí. *Seminário de Iniciação Científica do MPEG – XXVIII PIBIC e IV PIBITI. A Iniciação Científica na pandemia: mudanças de cenários e novos caminhos*. Resumos. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi
- Silva, Pedro Agostinho da. 1970. Estudo preliminar sobre o mito de origens xinguano. Comentário a uma variante Awetí. *Universitas – Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia*, 6–7: 457–519.
- Spoladore, Fernanda F. 2017. *Um estudo contrastivo de línguas Tupí: Araweté, Kamaiurá, Aweti e Sateré-Mawé*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, Minas Gerais.
- Steinen, Karl von den. 1940. *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura.
- Thomason, Sara Grey & Kaufman, Terrence 1991. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. 2 ed. Berkeley/Oxford: University of California Press.
- Troncarelli, Maria Cristina; Drude, Sebastian; Coelho de Souza, Marcela;

- Wurker, Stella (orgs.). 2002. *Awytyza Ti'ingku. Livro para alfabetização na língua aweti*. 1, pp. 72, 1. ed. São Paulo: Instituto Ambiental.
- Villas Boas, Cláudio & Villas Boas, Orlando. 1970. *Xingu: os índios, seus mitos*. Porto Alegre: Kuarup.
- Zarur, Jorge. 1975. *Parentesco, ritual e economia no alto xingú*. Brasília: FUNAI.